



## BOLETIM BIBLIOGRÁFICO DO CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO

### Relação Moçambique-China

A crescente influência da China a nível mundial, e em África muito em particular, tem gerado inúmeros debates e inquietações nos mais variados fóruns, sobretudo na última década. Nos mídias ocidentais, a China é frequentemente acusada de contribuir para a degradação ambiental, reintroduzir práticas colonialistas e ser um actor político e económico amoral, que coopera com regimes ditatoriais, autocratas e corruptos, afectando negativamente os esforços com vista a reforçar a democracia no continente africano. Estas críticas, que têm algum eco nos mídias e sociedade civil em África, são contrapostas por uma boa parte das elites políticas deste continente, para quem a China é um parceiro fiável e, principalmente, menos impertinente em termos políticos do que as potências ocidentais, uma vez que, não interferindo nos seus problemas internos, mantêm intacta a sua soberania. Mas quando e como é que surge e evolui essa “cooperação”? Qual é o padrão e as tendências do investimento chinês em Moçambique? Quais são as percepções e representações dos moçambicanos sobre esta relação? Este é parte do conjunto de questões que as publicações contidas neste Boletim Bibliográfico procuram responder.

### Publicações do IESE sobre o tema

**Chichava, Sérgio et. al. (2013) Discursos e narrativas sobre o engajamento brasileiro e chinês na agricultura moçambicana. In: Luis de Brito et al. (orgs.) *Desafios para Moçambique, 2013*. pp. 417-438. Maputo, Instituto de Estudos Sociais e Económicos.**

Com base em informação recolhida através de entrevistas e observação participante, sobre o projecto chinês de produção de arroz em Xai-Xai, o Centro de Investigação e Transferências de Tecnologias Agrárias de Umbelúzi (Maputo) e o Provana (Nacala), este texto procura analisar, de forma comparativa, o engajamento do Brasil e da China na agricultura moçambicana. Com efeito, o estudo revela que, apesar das diferentes histórias, trajectórias e experiências de cada um dos três países, há uma relativa convergência de pontos de vista, motivações e representações das suas elites, no que concerne às vantagens da cooperação e do investimento na agricultura em Moçambique, o que contrasta com a visão crítica e, por vezes, pessimista da sociedade civil.

**Chichava, Sérgio (2012) Investimento Directo Estrangeiro e combate à pobreza em Moçambique: uma leitura a partir do investimento chinês na agricultura. In: Luis de Brito et al. (orgs.) *Desafios para Moçambique, 2012*. pp. 411-426. Maputo, Instituto de Estudos Sociais e Económicos.**

Tendo em conta a forte dependência da economia moçambicana com relação ao IDE, estimado em 46% em 2008, neste texto procura-se verificar se o investimento Chinês na agricultura do país se distingue do demais IDE e

se responde as pretensões do Governo que, no âmbito do PARP (2011-2014), pretende direccioná-lo à produção de alimentos. A análise mostra que não há distinções entre o padrão do investimento chinês na agricultura e o restante IDE, concentrando-se mais na exploração e comércio florestal que na produção de alimentos e nouro tipo de culturas, o que coloca sérios desafios ao Governo moçambicano, não só na atracção de investimentos para a produção alimentar mas também no que se refere à elaboração de políticas mais consistentes com vista ao combate à pobreza.

**Njal, Jorge (2012) Aid Education in Mozambique. In: *III Conferência Internacional do IESE “Moçambique: acumulação e transformação em contexto de crise internacional”, 4 e 5 de Setembro de 2012, Maputo. Conference paper n° 24.***

Focando-se na questão da educação, este artigo pretende definir as principais modalidades e o impacto da ajuda chinesa em Moçambique. O principal argumento é o de que parte das universidades e dos beneficiários das bolsas podem desempenhar um papel importante na transformação da ajuda chinesa em benefícios para ambos países. Mais especificamente, o autor sustenta que os estudantes-bolseiros na China devem ser encorajados a expandir o ensino chinês em Moçambique, da mesma forma que as universidades podem ensinar português e disseminar a cultura moçambicana na China.

**Roque, Paula & Alden, Chris (2012) China em Moçambique: Prudência, Compromisso e Colaboração. In: Sérgio Chichava & Chris Alden (orgs.) A Mamba e o Dragão: relações Moçambique-China em perspectiva. pp. 11-32. Instituto de Estudos Sociais e Económicos e South African Institute of International Affairs.**

Neste texto aborda-se a origem e o desenvolvimento dos laços entre Moçambique e China, destacando-se, entre outros, que, actualmente, a relação entre estes dois países pode ser descrita como sendo de prudência e compromisso. Essa situação deve-se ao facto de que, se, por um lado, a crescente influência de Pequim tem sido acolhido positivamente pelas autoridades oficiais moçambicanas, por outro, elas são mais circunspectas quando se trata da concessão de facilidades no acesso aos recursos naturais em troca de acordos de infra-estruturas, como tem acontecido noutros países africanos, como, por exemplo, Angola e Sudão.

**Chichava, Sérgio (2012) Impacto e significado do investimento chinês em Moçambique (2000-2010). In: Sérgio Chichava & Chris Alden (orgs.) A Mamba e o Dragão: relações Moçambique-China em perspectiva. pp. 33-48. Instituto de Estudos Sociais e Económicos e South African Institute of International Affairs.**

O estudo analisa as tendências, o impacto e a relevância do investimento e do comércio chinês em Moçambique no período compreendido entre 2000 e 2010, altura em que foi relançada a presença chinesa neste país, sobretudo a partir de 2007. Com base nos dados do CPI, o autor mostra que o IDE chinês se concentrou mais no sector industrial e no sul do país, particularmente em Maputo, sem, no entanto, descurar do facto das últimas tendências revelarem que o sector dos recursos minerais é, de entre os diferentes sectores, o que poderá conhecer maior impulso, aproximando-se do que sucede com o IDE chinês noutros países africanos.

**Alves, Ana (2012) Os interesses bancários Chineses em Moçambique: o caso da Geocapital. In: Sérgio Chichava & Chris Alden (orgs.) A Mamba e o Dragão: relações Moçambique-China em perspectiva. pp. 49-60. Instituto de Estudos Sociais e Económicos e South African Institute of International Affairs.**

Para além de expor as características e especificidades do investimento chinês no sector bancário moçambicano, este texto analisa as alianças de negócios entre as elites de ambos os países, aspecto considerado central no estabelecimento de qualquer grande projecto de investimento em Moçambique. A autora sustenta que, apesar das relações pessoais facilitarem a entrada no mercado moçambicano, elas não garantem, por si, a produção efectiva de resultados. A falta de planeamento adequado e de capacidade local, a ambiguidade na definição dos projectos e uma

coordenação e gestão ineficientes de oportunidades de investimento internas por parte do Governo moçambicano, são alguns dos obstáculos que entravam o sucesso dos investimentos, havendo, por isso, necessidade do Governo moçambicano definir uma estratégia clara de atracção do capital público e privado chinês, que esteja em consonância com os objectivos de desenvolvimento do país.

**Nielsen, Morten (2012) Como não construir uma estrada: uma análise etnográfica dos efeitos socioeconómicos de um projecto chinês de construção de infra-estruturas em Moçambique. In: Sérgio Chichava & Chris Alden (orgs.) A Mamba e o Dragão: relações Moçambique-China em perspectiva. pp. 61-79. Instituto de Estudos Sociais e Económicos e South African Institute of International Affairs.**

Este texto é resultado duma pesquisa de campo etnográfica efectuada junto dos trabalhadores rodoviários empregados pelo grupo CHICO, um consórcio de construção chinês para melhorar e reabilitar a estrada EN1 entre as cidades de Xai-Xai e Chissibuca, e pretende explorar os encontros quotidianos entre jovens moçambicanos e os seus superiores chineses. Nele, o autor mostra que, de acordo com os trabalhadores moçambicanos, as suas condições de trabalho são inaceitáveis, os salários são baixos e o comportamento dos seus interlocutores chineses é hostil e ininteligível, o que dificulta a realização do trabalho e afecta negativamente a qualidade da obra.

**Bunkenborg, Mirrel (2012) Será tudo parte de um grande plano? Encontros etnográficos com os chineses em Moçambique. In: Sérgio Chichava & Chris Alden (orgs.) A Mamba e o Dragão: relações Moçambique-China em perspectiva. pp. 81-98. Instituto de Estudos Sociais e Económicos e South African Institute of International Affairs.**

Neste estudo, o autor procura desmistificar a ideia de existência de um suposto grande plano de expansão chinesa para África, um dos temas quase que omnipresente quando se discute a presença daquele país asiático neste continente. Segundo Bunkenborg, os encontros etnográficos com empresários, trabalhadores da construção civil e engenheiros chineses em Moçambique revelam que, contrariamente à ideia disseminada no Ocidente, a presença de chineses em Moçambique e em África não é resultado de uma estratégia ou de um plano director, mas, sim, consequência de acções individuais. Para o autor, nesse movimento centrípeto, os chineses estão igualmente a dialogar com o poder central em Pequim, exigindo que o Estado chinês mostre a sua força e intervenha para proteger os seus direitos e interesses, sendo, por isso necessário que novas pesquisas questionem como é que o 'Safari chinês' pode estar a mudar a própria China.

**Ekman, Sigrid (2012) Mito e realidade: o envolvimento chinês no sector agrícola de Moçambique.** In: Sérgio Chichava & Chris Alden (orgs.) *A Mamba e o Dragão: relações Moçambique-China em perspectiva*. pp. 99-125. Instituto de Estudos Sociais e Económicos e South African Institute of International Affairs.

Quão prementes são as questões de segurança alimentar na China? E são a natureza e as causas subjacentes ao envolvimento chinês no sector agrícola moçambicano? Será a integração vertical da produção de alimentos em Moçambique uma solução realmente viável para colmatar as necessidades internas chinesas? E até que ponto é que a China está realmente envolvida no sector agrícola moçambicano? Estas são as questões centrais deste estudo. O autor defende que o interesse chinês no sector agrícola moçambicano não está directamente relacionado à sua segurança alimentar interna e sugere que há outros factores a tomar em conta quando se analisa os investimentos daquela economia emergente em Moçambique: a procura do lucro, a internacionalização das suas empresas e a questão dos conhecimentos agrícolas como instrumento de ajuda externa.

**Duran, Jimena & Chichava, Sérgio (2012) Centro de Investigação e Transferências de Tecnologias Agrárias de Umbelúzi. A história de um 'presente' chinês a Moçambique.** In: Sérgio Chichava & Chris Alden (orgs.) *A Mamba e o Dragão: relações Moçambique-China em perspectiva*. pp. 126-141. Instituto de Estudos Sociais e Económicos e South African Institute of International Affairs.

Discutir o significado e as implicações da cooperação agrícola entre a China e Moçambique é o objectivo central deste estudo. Para o efeito, os autores recorrem ao caso do Centro de Transferência de Tecnologia Agrícola de Umbelúzi, em Boane, considerado dos mais representativos da presença chinesa em África, e, particularmente, em Moçambique, e, através da análise de discursos e de testemunhos chave, procuram descrever as peripécias do seu estabelecimento e da sua gestão e funcionamento. Para os autores, os centros não só podem ser entendidos como instrumentos políticos, com vista a provar o verdadeiro empenho da China no desenvolvimento económico e agrícola de África, mas, a sua concepção e difusão, está também associada à motivações económicas, na medida em que visam aproveitar o potencial do desenvolvimento de um mercado africano de insumos agrícolas. Ademais, são abordados os conflitos, as dificuldades na gestão deste empreendimento, e questiona-se como se pode transferir tecnologias sem que haja comunicação efectiva.

**Feijó, João (2012) Perspectivas moçambicanas sobre a presença chinesa em Moçambique: uma análise comparativa de discursos de entidades governamentais, de um blog e de trabalhadores moçambicanos de Maputo.** In: Sérgio Chichava & Chris Alden (orgs.) *A Mamba e o Dragão: relações Moçambique-China em perspectiva*. pp. 125-141. Instituto de Estudos Sociais e Económicos e South African Institute of International Affairs.

A análise desenvolvida neste texto centra-se na questão das representações dos moçambicanos sobre os chineses, bem como suas implicações relativamente à presença chinesa em Moçambique. O autor demonstra que, se, por um lado, nos discursos veiculados pelos quadros seniores governamentais, se tende a destacar as boas relações diplomáticas entre os dois países, bem como as características da cooperação chinesa, ao nível da base, pelo contrário, tende a se aflorar os aspectos negativos desta relação, relacionados, entre outros, com os baixos salários, dificuldades de participação (agravadas pela diferença linguística), enormes pressões laborais e o carácter dirigista, despótico e por vezes violento dos trabalhadores. Esta dimensão crítica, frequente, sobretudo no seio dos trabalhadores moçambicanos, tem sido amplamente difundida nos *mass media* moçambicanos. Contudo, há que realçar que essas críticas não são exclusivas ao investimento e aos empregadores chineses, sendo igualmente comuns nos portugueses, sul-africanos e mesmo moçambicanos, o que denota a inexistência de um carácter "anti-chinês", mas sim duma crítica às assimetrias na distribuição de recursos de poder, ou à desumanização das relações de trabalho, com a convivência de agentes do Estado.

**Chichava, Sérgio (2011) Economias emergentes no sector Agrícola moçambicano – leituras, implicações e desafios.** In: Luis de Brito *et al.* (orgs.) *Desafios para Moçambique, 2011*. pp. 371-400. Maputo, Instituto de Estudos Sociais e Económicos.

Este artigo não é exclusivamente sobre as relações entre Moçambique e China. Abarca duas outras economias "emergentes", nomeadamente, o Brasil e a Índia, e procura fazer uma reflexão em torno da cooperação entre estes países e Moçambique no sector agrícola. O artigo começa por analisar as estratégias levadas a cabo por àquelas economias na cooperação agrícola com África, para, de seguida, se concentrar na questão da sua ajuda e dos seus investimentos no sector agrícola moçambicano, defendendo que, se as três economias definiram a agricultura como prioridade na sua cooperação com os países africanos, pelo menos no caso moçambicano, os seus investimentos estão mais focados na indústria extractiva e na construção. Esta última situação coloca um sério desafio ao Governo Moçambicano que, no âmbito dos seus programas, como, por exemplo, o PARP (2011-2014), procura atrair investimentos para sector agrícola e, neste, para a produção de alimentos.

Chichava, Sérgio (2010) Moçambique na rota da China – Uma oportunidade para o desenvolvimento? In: Luis de Brito *et al.* (orgs). *Desafios para Moçambique, 2010*. pp. 337-351. Maputo, Instituto de Estudos Sociais e Económicos.

Neste artigo, que começa por apresentar a história da relação entre Moçambique e a China, advoga-se que, diferentemente do que acontece actualmente, com boas políticas, Moçambique pode tirar partido da exploração de suas matérias-primas, diversificando a sua base produtiva e investindo-as no desenvolvimento de infra-estruturas, recursos humanos e novas tecnologias. Para o autor, este desafio passa pelo abandono da estratégia de dissimulação dos problemas que ocorrem no sector agrícola, com especial enfoque no madeireiro, e nas empresas chinesas, muitas vezes acusadas de violação da lei laboral.

Chichava, Sérgio (2008) *Mozambique and China: from politics to business. Discussion Paper n°05/2008*. Maputo, Instituto de Estudos Sociais e Económicos.

Dois aspectos constituem o eixo central do presente artigo: (1) analisar, numa perspectiva sócio-histórica, as relações entre Moçambique e China e (2) discutir as visões e percepções do Governo e da sociedade civil moçambicana sobre essa relação. O argumento é de que, se, actualmente, as relações entre estas duas economias são boas, no passado, foram marcadas por algumas sinuosidades e ambiguidades. Ademais, constata-se a existência de um hiato entre as percepções da sociedade civil e do Governo, com a elite política se revelando entusiástica, considerando a China como um bom parceiro, enquanto uma parte da sociedade é céptica, acusando a China de fazer o mesmo que as potências ocidentais fizeram durante o período colonial.

### **Publicações sobre o tema disponíveis no IESE**

Steven, Jackson (1995) "China's Third World Foreign Policy: The Case of Angola and Mozambique, 1961-93". *The China Quarterly*, n° 142, pp. 388-422 (Cambridge University Press on behalf of the School of Oriental and African Studies). Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/655421>. Acedido a 20 de Junho de 2014.

Como é que os chineses se relacionam com organizações revolucionárias do terceiro mundo e seus governos pós-independência? Este artigo examina as tensões e as mudanças na política chinesa em Angola e Moçambique, dois países cujas lutas revolucionárias e a ascensão à independência foram quase que simultâneas. Com esta análise espera-se contribuir para uma melhor compreensão dos processos e das nuances da política externa.

Ilheu, Fernanda (s.d.) *The Role of China in the Portuguese Speaking African Countries: The Case of Mozambique*. Lisbon, Research Center on Africa and Development. Disponível em <https://www.repository.utl.pt/bitstream/10400.5/.../wp842010.pdf>. Acedido a 16 de Junho 2014.

Três questões compõem a problemática central deste texto: a primeira prende-se com o facto de se procurar compreender se os fundos que o Governo Chinês canaliza aos países africanos, no âmbito da cooperação entre estes, podem ser considerados como Investimento Directo Estrangeiro ou Ajuda (pública/oficial) ao Desenvolvimento. Associada à primeira questão, o texto procura ainda analisar até que ponto os fluxos de investimento chineses contribuem para o desenvolvimento dos países africanos, sobretudo no concenrente à criação de emprego, exportação e transferência de tecnologias. Por fim, procura-se compreender se os investimentos chineses podem ser considerados como oportunidades ou ameaças para as comunidades locais e se corresponde às expectativas. Para o efeito, recorreu-se essencialmente à análise dos discursos dos governantes moçambicanos.

Boston, Emmy (2006) *China's Engagement in the Construction Industry of Southern Africa: the case of Mozambique*. Paper for the Workshop 'Asian and other Drivers of Global Change'. St. Petersburg, Russia, January 19-21. Disponível em: <http://www.eldis.org/go/home&id=23070&type=Document>. Acedido a 16 de Junho de 2014.

Este texto descreve a situação do envolvimento chinês no sector da construção em Moçambique e as possíveis ameaças e oportunidades para os diversos actores locais igualmente envolvidos em diversas actividades no mesmo sector. O texto concentra-se especialmente no impacto sobre os empreiteiros sul-africanos que, estando nesse "negócio" há quase uma década, são agora confrontados com a forte competição dos chineses.

Horta L, 'China, Mozambique: Old friends, new business', *ISN Security Watch*, 13 August 2007. Disponível em: <http://www.isn.ethz.ch>. Acedido a 17 de Junho de 2014.

Este artigo descreve, de forma breve, a evolução das relações sino-moçambicanas, destacando que, da velha "amizade", datada dos princípios da década de 1960, aquando do apoio chinês à Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO), à "cooperação ideológica", do período pós independência, a China dinamizou a relação com Moçambique, agora centrada em negócios, intrigando os "tradicionais" investidores ocidentais.

Horta L, 'China's relations with Mozambique: A mixed blessing',

**Online Africa Policy Forum. Washington, DC: Center for Strategic and International Studies (CSIS), April 2008. Disponível em: <http://forums.csis.org/africa/?=97>. Acedido a 17 de Junho de 2014.**

Neste artigo, Loro Horta aborda a necessidade das autoridades governamentais moçambicanas refrearem o seu optimismo na cooperação com a China. Para o autor, a crescente demanda em recursos energéticos, em madeira e demais matérias-primas, por parte do “Dragão asiático”, coloca inúmeros desafios ao país, não só no que concerne às questões ambientais mas também na elaboração e implementação de políticas tendentes ao combate à pobreza.

**Jansson, Johanna & Kiala, Carine (2009), Patterns of chinese investment, aid and trade in Mozambique. A briefing paper by the Centre for Chinese Studies. Disponível em: <http://rucforsk.ruc.dk/site/en/publications/patterns-of-chinese-investment-aid-and-trade-in-mozambique%28e607420b-80c1-4cc2-99e8-2e833c8f51ec%29/export.html>. Acedido a 17 de Junho de 2014.**

Este *paper* descreve a estrutura do investimento, ajuda e comércio chinês com Moçambique, o que serviu de base para que o Centro de Estudos Chinês (CCS) apresentasse as suas recomendações ao Fundo Mundial para a Natureza (WWF). O documento começa com uma apresentação panorâmica das relações sino-moçambicanas, da estratégia de investimento chinês em Moçambique, dos principais sectores para os quais o investimento é direccionado, para, de seguida, mapear o conjunto de eventos e encontros entre as entidade privadas e publicas dos dois países, descrever as representações dos governantes, da sociedade e civil e media sobre os mesmos investimentos e, por fim, avaliar o seu impacto.

**Roque, Paula (2009) China in Mozambique: A Cautious Approach Country Case Study. Occasional papers n° 23. China in África Project, South African Institute of International Affairs. Disponível em: [www.eisourcebook.org/.../China%20in%20Mozambique.%20A%20Cautious%20Approach.pdf](http://www.eisourcebook.org/.../China%20in%20Mozambique.%20A%20Cautious%20Approach.pdf). Acedido a 16 de Junho de 2014.**

Este artigo procura apresentar, de forma panorâmica, como é que as diferentes áreas de interesse dos chineses figuram na sua política externa. O artigo identifica as referidas áreas, quer como comerciantes, investidores e empreiteiros, quer como doadores e actores intergovernamentais. Discute ainda como é que os países africanos e a própria China devem lidar com a nova (e multifacetada) forma de engajamento chinês em África.

**Medeiros, Eduardo (s.d.) Os sino-moçambicanos da Beira. Mestiçagens várias. Disponível em: <http://cea.revues.org/494>. Acedido a 16 de Junho de 2014.**

Este artigo trata de alguns aspectos das transformações culturais ocorridas em Moçambique e dos cruzamentos mestiços, tomando a comunidade chinesa da cidade da Beira como estudo de caso, por vezes comparando-

a à da então cidade de Lourenço Marques, actual Maputo. Nele, o autor apresenta factos relativos à formação e evolução da comunidade chinesa da Beira e da evolução da sua inserção sociocultural num contexto de exploração colonial, no qual foram objecto e sujeito, e da sua existência como comunidade receptora e fornecedora de *inputs* multiculturais.

**Brautigam, Deborah & Ekman, Sigrid-Marianella, (2012), Briefing Rumours and realities of chinese agricultural engagement in Mozambique, African Affairs Advance. Disponível em: <http://afraf.oxfordjournals.org/content/111/444/483.extract>. Acedido a 28 de Junho de 2014.**

O artigo de Brautigam e Ekman procura desmistificar a ideia, bastante propalada, segundo a qual o investimento chinês na agricultura em África de uma forma geral e em Moçambique muito em particular está associada às necessidades daquele “gigante asiático” em reforçar e garantir a sua própria segurança alimentar. Para os autores, essa informação não passa de um mito, baseado, sobretudo, em relatórios efectuados sem qualquer trabalho de campo ou qualquer informação que o fundamente detidamente.

### **Literatura cinzenta sobre o tema disponível no IESE**

**Mackenzie, Catherine, (2006), Forest governance in Zambézia, Mozambique. A Chinese Take Away! Final report for FONGZA, Maputo.**

Este relatório resulta de um trabalho de campo efectuado na provincia central da Zambézia entre 2003 e 2004. Nele, a autora documenta a questão da exploração da Madeira por parte dos chineses, alertando para o risco deste recurso poder se esgotar num período não superior a 10 anos, caso continue sendo explorado de forma desenfreada. A autora advoga ainda que se deve interditar a exploração da madeira em toros e o Governo deve se empenhar mais no combate à essa prática, que, para ela, prevalece, sobretudo, por causa do conflito de interesses por parte das autoridades nacionais e locais responsáveis pelo sector das florestas e alguns membros seniores do partido no poder, a Frelimo.

**MFAPRC (2007), “Hu Jintao Holds Talks with His Mozambican Counterpart”, 2 de Fevereiro.**

A 8 de Fevereiro de 2007, o Presidente chinês, Hu Jintao, e o seu homólogo moçambicano, Armando Guebuza, encontraram-se na capital moçambicana, Maputo, onde mantiveram conversações sobre a cooperação entre os dois países. No encontro, ambos acordaram implementar os consensos alcançados e dar um maior impulso à cooperação, tendo Hu Jintao destacado que o encontro (e os acordos) se enquadravam nas medidas adoptadas no Fórum de Cooperação China-África, realizado em 2000. Segundo o Presidente Chinês, para dinamizar a cooperação, quatro medidas deviam ser privilegiadas: (1) mais visitas de

alto nível, para reforçar a confiança política; (2) maior foco na implementação dos acordos já estabelecidos, com especial destaque na construção do Centro de Demonstração e Transferência de Tecnologia Agrária em Moçambique; (3) maior investimento em áreas como educação, saúde, ciência e tecnologia, cultura, desportos, turismo e jornalismo; (4) reforço na coordenação em assuntos internacionais, para salvaguardar interesses comuns.

**Mosse, Marcelo (2007), “Carta aberta a Hu Jintao”, Canal de Moçambique, Maputo, 2 de Fevereiro.**

A « carta aberta » que o jornalista moçambicano, Marcelo Mosse, escreveu « para o Presidente Chinês, Ho Jintao », destaca, entre outros aspectos, as virtudes e os problemas da cooperação de Moçambique, sobretudo, com os países ocidentais, e apela a que a cooperação com a China, não só não reative as velhas praticas imperialistas/colonialistas, mas, pelo contrario, contribua para reduzir e/ou eliminar a dependência externa do país.

**Mozambique, China in talks on hydro-power project. (2007) Reuters, 19 de Março.**

O presente artigo, da *reuters*, aborda a questão das negociações entre o governo moçambicano e a sua congénere chinesa, com vista a obter financiamento para a construção de um conjunto de infra-estruturas hidro – eléctricas no país, com especial destaque para barragem Mpanda Nkua. Em entrevista com o então ministro das Obras Públicas e Habitação, Felício Zacarias, o artigo faz referência à importância deste tipo de infra-estruturas para fazer face às cheias e secas, frequentes no país.

**Departamento Económico e Comercial da Embaixada da República Popular da China na República de Moçambique (8th August 2008), China gerou mais de 11 mil empregos desde 1990, Disponível em: <http://mz2.mofcom.gov.cn/article/bilateralvisits/200805/20080505521809.html>. Acedido a 18 de Junho de 2014.**

Este documento destaca a questão dos empregos criados pelos investimentos chineses em Moçambique, desde 1990. Segundo Macaohub, um serviço de notícias baseado em Macau, em cerca de 17 anos, os investimentos Chineses, estimados em mais de 148 milhões de dólares, haviam criado 11214 empregos. De acordo com a mesma fonte, em 2007, existiam 41 empresas, distribuídas, sobretudo, pelo sector de agricultura e agro-pecuária, aquacultura e pescas, indústria e construção.

**Radio Televisao Portuguesa, 2008. “Governo nega intenção de vender terras à China”, 13 de Maio. [http://macua.blogs.com/moambique\\_para\\_todos/macau/page/2/](http://macua.blogs.com/moambique_para_todos/macau/page/2/). Acedido a 10 de Junho de 2014.**

Reagindo um artigo publicado pela “Revista Chinesa de Negócios Século XXI”, segundo a qual Pequim estaria a negociar a compra e arrendamento de terras no estrangeiro para a produção de cereais, destacando Moçambique, o ministro da Planificação e Desenvolvimento, Aiuba Cuareneia, negou que tais sejam as pretensões do Governo Moçambicano. O ministro afirmou que não existiam acordos nesse sentido, ainda porque,

segundo ele, a terra em Moçambique não se vende.

**China será um dos maiores investidores de Moçambique. (2012) Canal de Moçambique, 28 de Novembro.**

Esse é o vaticínio de Armando Dimande, director da Faculdade de Direito da Universidade Eduardo Mondlane (UME), de visita a Macau, de onde, em entrevista á Lusa, realçou a boa relação entre os dois países, sustentando que Moçambique e China apostaram num novo tipo de relações a partir de 1990, quando o primeiro restabeleceu as trocas comerciais e negociou um conjunto de acordos intergovernamentais que impulsionaram o investimento chinês no país. O artigo aborda ainda a questão das críticas à crescente influência no continente africano e apresenta dados da evolução do investimento chinês em Moçambique.

**Chineses planeiam investir USD 13 bilhões em Moçambique. (2012) Savana, 03 de Agosto.**

Este artigo do jornal Savana destaca o crescente investimento chinês em Moçambique, referindo que, durante a última década, este multiplicou-se seis vezes e a China pretende investir 13 bilhões de dólares nos próximos 10 anos. Segundo o artigo, esse dinheiro poderá ser distribuído entre os sectores da saúde, educação e infra-estruturas.

**Quem tem medo da China? (2012) Savana, 26 de Agosto.**

Este editorial do jornal Savana faz uma breve análise crítica às abordagens “pró” e “ante” China, realçando que estas podem ser equiparadas às diferentes catalogações do período da chamada Guerra fria. O artigo avança que, semelhança daquele período, as diferentes análises sobre a relação entre a China e o continente Africano procuram impor uma visão estreita e bastante simplista do mundo, dividindo entre o Ocidente e a China. O artigo conclui que não se pode diabolizar nem a China nem qualquer outro investidor no país, mas sim, procurar criticar abertamente os excessos de qualquer um dentre eles e incentivar o seu investimento, quando benéfico ao país.